

Sobre os lutos: algumas anotações

Maíra Pondé de Sena

Tive oportunidade de ouvir uma entrevista inspiradora de Dráuzio Varela com Luiz Schwarcz, por ocasião do lançamento do livro deste último, cujo título – **O ar que me falta** – chamou minha atenção. Nada poderia ser mais atual nesses tempos de Covid 19, enfermidade que se alastrou pelo mundo, agravada pelo desmatamento e devastação da natureza e dos povos originários, guardiões da floresta. Como não se angustiar no momento em que nosso país ultrapassa a marca de meio milhão de mortos, embora tenhamos tido tempo para evitar tamanha tragédia? Como não entristecer diante de tanto descaso e tamanha destruição?

“O ar que me falta”, esta pungente metáfora traduz também o afeto da angústia, tão fundamental na condução de uma análise. No *Seminário 10*, dirigindo-se aos analistas, Lacan diz: “Afinal, sentir o que o sujeito pode suportar dessa angústia é o que lhes põe à prova a todo instante” (LACAN, 1997, p. 12).

Nesses tempos de incertezas em que receamos nos contaminar e contaminar os outros, em que o medo de perder pessoas queridas se faz presente de forma cotidiana, assim como o medo da própria morte, acompanhamos o luto de muitas famílias, tanto daquelas com as quais trabalhamos, quanto o de muitas outras, espalhadas pelo Brasil afora, que perderam os seus sem o conforto de acompanhá-los de perto, sem o direito de se despedir nem participar dos rituais tão necessários ao processo de elaboração do luto. Outros há ainda que, além da perda, sofreram a dor de sabê-la nas piores condições, por falta de oxigênio.

É preciso mencionar ainda a exaustão das equipes de saúde. Tudo isso envolve múltiplos aspectos que não serão contemplados nesta ocasião. Um analista deve estar atento às questões do seu tempo, aos significantes de sua época. Lacan em *Função e campo da fala e da linguagem em Psicanálise* se dirige aos analistas com esta frase lapidar que considero da maior importância: “que antes renuncie a isso, portanto, quem não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época” (LACAN, 1998, p. 322).

Voltando à entrevista mencionada no início do texto, fiquei encantada com a delicadeza com a qual Dráuzio Varela entrevista o autor do livro, entrevista essa que acaba se tornando uma conversa na qual Luiz Schwarcz também interroga e tece comentários sobre o entrevistador e sua obra.

Dráuzio Varela, por sua vez, já publicou vários livros pela Companhia das Letras, fundada por Luiz em 1986, editor de sucesso e respeitado pelo trabalho que desenvolve. No momento da entrevista eles vivem uma espécie de troca de posições, pois Dráuzio funcionou para Luiz como um editor. Afora sua mulher, Dráuzio foi a pessoa com quem Luiz se arriscou a falar do seu projeto inicial e por quem foi bastante encorajado.

Na entrevista/conversa, Dráuzio pergunta a Luiz se ele teve receio de expor sua intimidade, ao que este responde que não faria sentido escrever aquele livro se ele tivesse que esconder

coisas sobre as quais se fez imperativo escrever. Teve, no entanto, o cuidado de consultar a mãe na medida em que o livro revelava coisas da história familiar. O pai já havia falecido na ocasião.

No livro Luiz discorre longamente sobre sua depressão, tece considerações a respeito, fala dos tratamentos psiquiátricos e da importância da psicanálise em sua vida. Comenta também a respeito do que precipitou a escrita do livro e se dá conta de que, na verdade, era algo que foi se escrevendo durante os 64 anos de sua vida.

Mas, voltando à entrevista, Luiz em determinado momento comenta a respeito dos pais de Dráuzio e da morte precoce de sua mãe quando este era ainda pequeno. Dráuzio conta que, aos quatro anos, ao lado da irmã de sete, assistiu a morte de sua mãe. Ao longo da vida, nunca comentara a respeito com qualquer pessoa, inclusive a irmã que estava ao seu lado no momento da morte. No entanto, ao escrever *Nas Ruas do Brás*, um livro destinado a crianças, pôde falar da perda precoce que havia sofrido. Ele próprio se surpreende com isso e se interroga como ele, que jamais havia falado a respeito com sua mulher e filhas, terminou por falar de morte em um livro para crianças.

Interessante essa questão levantada por Dráuzio que me fez pensar no endereçamento. Pequeno, havia perdido a mãe. Em um livro para crianças podia falar do acontecimento traumático. Ele diz que ao escrever era ele e também não era mais e, sim, um personagem. Escrever pode ser uma forma de elaboração de luto.

Assim, o fio condutor das minhas reflexões diz respeito aos lutos. Quando digo os lutos parto da ideia de que não há um luto único e, sim, vários. Vários no sentido em que, ao longo da vida, nos melhores casos, atravessamos vários lutos e vários porque cada um o faz à sua maneira.

No belo artigo de 1915, *Luto e Melancolia*, Freud marca semelhanças e diferenças entre o luto e a melancolia. No entanto, o ponto crucial deste texto é interrogar a melancolia, “comparando-a com o afeto normal do luto” (FREUD, 2010, p. 171). Por outro lado, não podemos abstrair o contexto histórico daquele momento. Estamos na primeira guerra mundial, e tal acontecimento produz efeitos sociais em relação ao luto. Até então o luto comportava os rituais fúnebres tão importantes para o atravessamento da perda, na medida em que representam um suporte simbólico importante na tentativa de inscrição da mesma. Com a guerra, o luto perde essa proteção, pela ausência dos rituais. Freud sofre também o temor da perda de pessoas queridas visto que dois de seus filhos se encontram na guerra.

No mesmo artigo Freud define o luto como uma reação à perda de um ente querido ou de uma abstração que tomou o seu lugar. Diante dessas circunstâncias, algumas pessoas apresentam melancolia ao invés de luto. “A melancolia se caracteriza, em termos psíquicos, por um abatimento doloroso, uma cessação de interesse pelo mundo exterior, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade e diminuição da autoestima” (FREUD, 2010, p. 172).

No processo de luto encontramos os mesmos traços da melancolia com exceção da autoestima que não é afetada. “O normal é que vença o respeito à realidade. Mas a solicitação desta não

pode ser atendida imediatamente. É cumprida aos poucos, com grande aplicação de tempo e energia de investimento, e enquanto isso a existência do objeto perdido se prolonga na psique” (FREUD, 2010, p. 174).

Ainda nesse texto Freud fala do trabalho de luto, afirmando que “[...] após a consumação do trabalho do luto, o Eu fica novamente livre e desimpedido” (FREUD, 2010, p.174) e o objeto do luto pode ser finalmente substituído por outro.

Por sua vez, no *Seminário O Desejo e sua Interpretação*, Lacan fala do luto como função, como operador lógico subjetivante articulado à relação de objeto. Outro ponto trabalhado por ele diz respeito à substituição do objeto. Diferentemente de Freud, Lacan se refere ao caráter insubstituível do objeto.

Como dito anteriormente, tanto no luto quanto na melancolia a perda pode ser por morte do objeto amado, perda enquanto objeto amoroso ou mesmo uma perda de natureza ideal. No caso de morte, o que está em questão no luto é algo além da perda do objeto amado, mas do lugar que o enlutado ocupava para o morto. No luto a perda é consciente. O enlutado sabe o que perdeu. Já o melancólico sabe quem perdeu, mas não o que perdeu nesse alguém (FREUD, 2010). Lacan, no *Seminário da Angústia*, diz: “Não estamos de luto senão de alguém de quem podemos nos dizer ‘eu era a sua falta’” (LACAN, ano, p. 150).

Na Psicanálise é de fundamental importância pensar a partir do singular de cada analisante. Em diversos casos clínicos célebres o luto está presente: Ana O. busca atendimento por conta do luto em relação ao pai; também no Homem dos Ratos aparece o luto pelo pai; Marguerite Anzieu, a Aimée de Lacan, atendida por ele após uma passagem ao ato, herdou o nome da irmã morta. A esse respeito podemos levantar algumas questões: Quais os efeitos do não dito nas gerações futuras? Que consequências para cada um de ocupar o lugar do morto? Que efeitos o luto não elaborado dos pais pode ter sobre as crianças?

Voltando ao livro de Luiz Schwarcz, o autor carrega o peso de uma família que abandonou tudo para escapar ao terror nazista: André, seu pai, era húngaro e conseguiu fugir do trem a caminho do campo de extermínio de Bergen-Belsen, deixando no vagão o pai, Láios, avô do autor, que seguiu no trem para nunca mais voltar; Mirta, sua mãe, croata, teve que decorar, aos três anos, outro nome, falso, para embarcar com a família em um percurso que os levou primeira à Itália e depois ao outro lado do Atlântico. Os pais se encontraram no Brasil trazendo na bagagem o peso de um passado trágico.

Sigo com recortes do texto de Luiz, como elemento de reflexão e, como já disse acima, sem nenhuma pretensão de analisar o autor, mas para pensar algo a respeito dos lutos, alguns deles muito difíceis de elaborar. Em seu trabalho com refugiados e imigrantes de várias partes do mundo, Tyszler (2021, p. 276) nos chama a atenção para o fato de que “[...] o pavor encontrado nos trajetos de exílio forçado tem um aspecto traumático particular, ligado aos lutos impossíveis”. É possível vislumbrar algo desse “aspecto traumático particular” apontado por Tyszler na descrição que Luiz Schwarcz faz de seu pai.

Antes mesmo da imagem da íris verde do meu pai, minha depressão apareceu como um som. O som das pernas dele, batendo na cama sem parar,

no quarto ao lado, onde meu pai penava para dormir. A íris verde, em contraste com a esclera frequentemente umedecida e avermelhada – que enchia de água a bolsa inferior dos olhos, onde as lágrimas ficavam represadas –, passou a ser sua principal imagem, alguns anos depois do som grave que vazava das paredes, PÁ, PÁ, PÁ, PÁ, PÁ... Aquele barulho seco – quase o oposto complementar dos olhos molhados –, ele não conseguia esconder ou controlar. Não lembro exatamente quando ouvi o tambor aflitivo pela primeira vez, ou sim, acho que sei, foi também quando me deprimi pela primeira vez (SCHWARCZ, 2021, p. 14).

André manteve durante a vida um doloroso silêncio em torno de sua história e, segundo o filho, carregava o peso de uma culpa monstruosa por não ter podido evitar o fim extremo do pai. Mergulhou em um silêncio profundo e, segundo o filho, era um homem tristíssimo. Até os dezessete anos o filho pouco sabia do passado do pai, a não ser que este sobrevivera fugindo do trem que o levaria ao campo de extermínio. Aproveitando um momento de parada, o pai o havia lançado pela janela do trem. André conseguiu fugir, mas passou mais de 20 anos sem saber o que havia realmente acontecido com o pai, imaginando que poderia ter sido morto com um tiro de fuzil, de tifo, na câmara de gás ou “nas marchas da morte” que os judeus eram obrigados a fazer entre um comboio e outro a caminho dos campos de concentração. Só nos anos sessenta tomou conhecimento de que o pai ainda estava vivo quando os Aliados tomaram Bergen-Belsen, mas tão fraco que já não podia andar ou se alimentar.

Penso que um luto dessa natureza – quando se perde um ente querido sem possibilidade de acompanhar o processo, de saber o que aconteceu com a pessoa, de se despedir, de realizar os ritos funerários tão importantes nessas situações e que enlaçam o privado e o público no momento de perda – tem seu processo de elaboração imensamente dificultado.

Referências:

FREUD, Sigmund. Luto e Melancolia (1915). In: FREUD, Sigmund. **Introdução ao Narcisismo, Ensaios de Metapsicologia e outros textos (1914-1918)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

LACAN, Jacques. **A Angústia – Seminário 1962-1963**. Publicação não comercial exclusiva para os membros de CEFER. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 1997.

LACAN, Jacques. **O Seminário – Livro 6 – O Desejo e sua Interpretação**. Cidade: editora, ano.

LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem em Psicanálise. In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SCHWARCZ, Luiz. **O ar que me falta**: história de uma curta infância e uma longa depressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

TYSZLER, Jean-Jacques. Para além do todo-traumático: a imaginação narrativa e as novas temporalidades da sessão. In: STAAL, Ana de & LEVINE, Howard B. (orgs.). **Psicanálise e Vida Covidiana**: desamparo coletivo, experiência individual. São Paulo: Blucher, 2021. p. 267-291.